

TRAJAR E OURAR

Por AMADEU COSTA(†)*
e MANUEL RODRIGUES DE FREITAS**

Uma das grandes tentações dos ladrões é o ouro. Portanto, a exposição duma grande quantidade deste metal não beneficia a sua portadora, pois poderia levar a roda de «pouco tino», «atolambada», «desgovernada» «desacautelada». Uma grande quantidade de ouro em deslocações da casa à feira, nas suas fainas agrícolas, (nestes dois casos não mais que as arrecadas ou botões e o colar de contas com o respectivo «penduricalho» e um cordão no primeiro) ou numa missa normal de Domingo, (acrescentando neste caso mais um cordão e um alfinete), não prestigiará a sua portadora. Bem diverso será quando o busto da minhota, for abundantemente adornado em circunstâncias muito especiais, como as da sua mordomia, do seu casamento, da sua incorporação em qualquer cortejo nupcial, ou em actos festivos no dia do Santo Padroeiro da freguesia, mas nunca de forma exagerada, como muitas vezes vemos em cortejos etnográficos.

Ir ao Notário a fim de legalizar um determinado negócio, muito especialmente na venda duma propriedade, obriga a que as mulheres das partes, se apresentem ouradas com um certo exagero (não muito), para demonstrarem à sociedade que, se vendem não é por necessidade financeira, mas sim porque surgiu uma óptima oportunidade de venda, e que quem comprou, não foi obrigado a desfazer-se do seu ouro.

A visita com o marido e os restantes elementos do agregado familiar, a amigos ou familiares que moram longe, dá lugar a que se mostre o seu ouro, pois

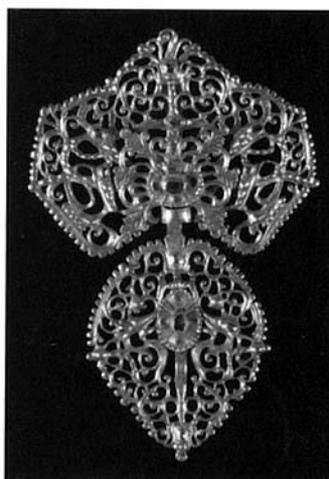
* Etnógrafo vianense.

** Licenciado em Economia. Ourives perito em ouro vianense.

daí poderá resultar numa óptima oportunidade para garantir «um bom encosto» para o filho ou filha (hoje usam-se, para além destes, os mais variados sinais exteriores de riqueza).

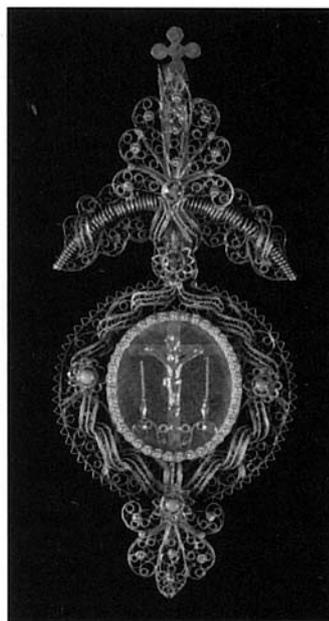
Para uma família de bom desafogo económico, o seu cofre deverá conter:

- um grilhão (alguns de grande espessura em que se suspendeam medalhas que por vezes atingem, por vezes os 15 cms);
- uma laça (que poderá ser com ou sem diamantes, estampada ou filigranada em rodilhões e que tão bem combina com os brincos à rainha);
- vários alfinetes com libras, moedas de imitação ou com pedras (podendo ser colocados um à direita e outro à esquerda, sobre o ponto onde se desenvolvem os seios);
- as cruzes: a maciça, a cruz de raios (em canovão, com um grande resplendor a rodear quase por completo o Cristo, apresentando muitas das vezes a Senhora da Soledade aos pés do seu Filho); a muito sóbria cruz do Sacramento; a Cruz barroca ou Cruz oca, muitas vezes a merecer a desdenhosa designação de «cruz de ouro mal obrado», por nela não aparecer a imagem de Jesus; a estrela com a mesma figuração da Cruz de Malta filigranada, guarnecida com esmaltes; o «Senhor», para dar a entender que não é a Cruz «esbulha»



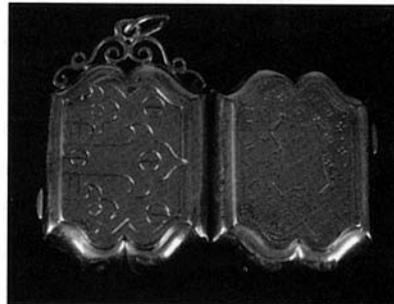
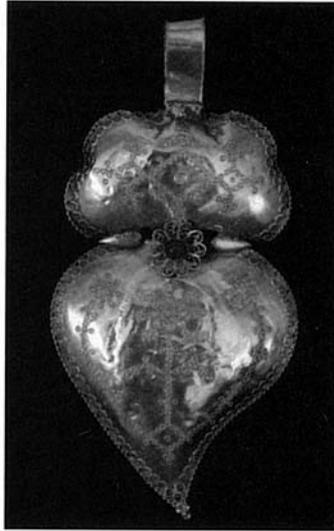
(a que lhe falta Jesus), (muitos dos «Senhores» tinham aos pés de Jesus duas pequenas tíbias em marfim, sendo o corpo da cruz ornamentado com arabescos esmaltados e os topos com esferas);

- uma custódia “questódia” ou relicário em linguagem mais fidalga, «lábia» para as gentes de Anha, Montaria e Amonde (pela semelhança da parte que está no centro das duas peças); «brasileira» para os do Castelo do Neiva que emigrando para as Terras se Santa Cruz e regressando a maior parte das vezes mais pobres do que tinham ido, logo adquiriam aquele adorno para as suas mulheres, mostrando assim aos seus conterrâneos a sua prosperidade e o sucesso da sua saída (a mulher colocava esta peça em grande evidência no cordão e à saída da missa o povo apontava-a como a «brasileira»);
- as libras de cavalinho para as orelhas, a maior parte das vezes responsáveis pelos enormes rasgões, devido o seu peso (18 grs no mínimo), (de notar a grande preferência que as gentes do Norte dão às libras em ouro, mais que às próprias moedas nacionais antigas, pois aquelas eram usadas pelos ingleses como moeda de troca na compra de bois desta zona, cuja carne era tão apreciada);
- várias peças – moedas autênticas ornadas com variadas e belíssimas



cercaduras nas quais se encastoavam com pequenas garras para não estragar a moeda e lhe diminuir o seu valor numismático;

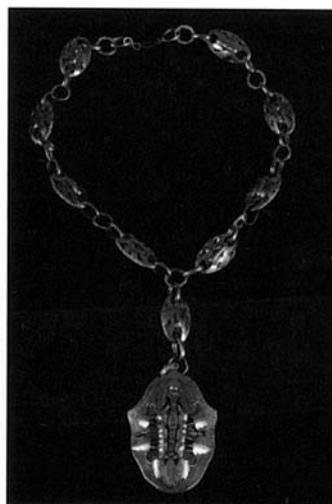
- medalhas, muito semelhantes às peças, sendo a moeda substituída por uma medalha de imitação estampada, que por imposição legal, não se poderia confundir com uma moeda verdadeira, tanto em forma como em tamanho;
- borboletas (usadas nos cordões ou nos fios de contas) dos mais variados feitios e tamanhos (medalhas feitas em chapa muito fina, em forma de coração invertido, com uma flor em relevo ao centro e gravado com motivos florais dizeres de amor ou motivos religiosos);
- corações «opados», «duplos», «coroados» ou «flamejantes», muitas vezes designados por corações de Viana, podendo ser feitos em finíssima chapa em ouro, com ornamentos filigranados, imitando o “granulado”, ou em filigrana com ou sem esmaltes;
- as memórias (muitas eram usadas nas correntes de relógio dos homens), encerrando no seu interior um cabelo, um fragmento de roupa, uma palavra, nome, oração, um fragmento de osso, fotografia ou outras relíquias, que serviam de terna recordação da pessoa amada ou de quem já não pertencesse a este mundo. As memórias poderiam ter as mais variadas formas, podendo ser redondas, ovais, quadradas, em forma de coração e até em forma de animais;



– as “Conceições”, também chamadas “Senhoras do Caneco” (o conjunto da coroa e aro onde prende o fio, vistos de perfil dão a ilusão de se tratar dum caneca de ir à fonte). São ocas e cinzeladas, muito leves, diferindo os seus tamanhos entre os dois e os vinte centímetros. Outras há que são em esmalte tipo Limoge, orladas com guarnições simples ou trabalhadas em que a imagem aparece com o céu todo cravejado de estrelas;

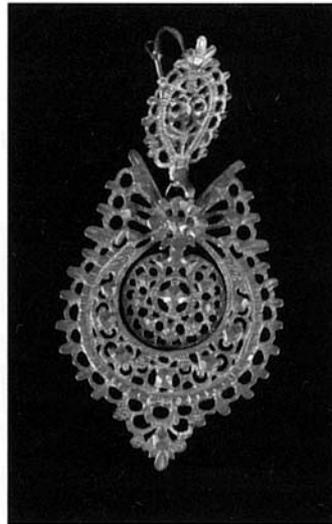


– as “gramalheiras”, (assim se chamavam as grossas correntes que suspendiam os potes nas antigas lareiras) , por vezes designadas popularmente por «gremalheiras» ou “cramalheiras”, peças que muitas das vezes atingiam uma dimensão razoável, constituídas por um grosso colar tecido a finíssimo fio de ouro com pequenos ornatos em forma de escamas, dando a sensação duma cobra (daí que em certas zonas, principalmente em Gondomar e Castelo Branco se chamem «bichas»). Este colar é rematado ao centro por uma medalha feita em fina chapa de ouro , circundada de motivos florais, com gomos esmaltados alternando o azul e branco, circundada de pedrarias de fraco custo (turquesas, corais ou meias pérolas de imitação, que dado o seu reduzido valor, eram apelidadas de pedras fanfarronas) , irradiando, simetricamente, em posições opostas,



duas tiras rematadas por borlas emparelhadas com lindo florão. Estas peças mostravam a grande diferença económica das suas possuidoras, dado o grande valor acrescentado pela mão de obra exigida na sua feitura, sendo esta uma das mais bonitas jóias do nosso ouro;

- as arrecadas, feitas em filigrana de ouro com todos os «ingredientes» amuléticos, aptos a afugentar os maus espíritos ou aproximar os bons que poderiam passar pelos orifícios auriculares (expostos a fácil passagem por não terem válvulas de protecção). Estas são das peças com antepassados mais remotos, encontrando-se no noroeste peninsular, algumas destas peças com 2.700 anos. No centro existe uma chapa móvel em forma de quarto de lua designada por «janela», «bambolina» ou «pelicano» e terminando, como quase todos os brincos por um triângulo invertido (símbolo de fertilidade, dada a sua semelhança com a púbis);
- os brincos à rainha, os mais usados actualmente pela vianesa como que o seu «ex-libris». Estas peças têm a sua origem em França adaptadas em Portugal no reinado de D. Maria, ao “sequilé” com diamantes e daqui às populares laças e a estes brincos, com a introdução de todo o amuletismo contido nas arrecadas.
- os brincos à rei, em tudo idênticos aos anteriores, só que constituídos por três peças e mais alongados;
- os colares de contas tal como as arrecadas, cujos antepassados se perdem na lonjura dos tempos . Tanto nos actos mais solenes, como nas fainas agrícolas e até mesmo a dormir, jamais se separavam desta peça, o mesmo acontecendo com os brincos, botões ou



arrecadas. O número das contas é variável de terra para terra, mas usualmente eram enfiadas em fio de algodão, “pompom” amarelo, vermelho, verde ou matizado, com um nó de correr, para chegar ou afastar mais do pescoço e tendo vários feitios: de Viana (redondas com pequenos círculos de filigrana), de pipo (com sulcos ao longo de toda a conta), brasileiras (com sulcos que vão do topo ao centro), bagos de arroz e até lisas;



- brincos de “chapola”, “parolos” ou de “luas”. De chapola por serem feitos em finíssima chapa de ouro, “parolos”, por serem noutros tempos usados pelas mulheres do campo (apesar de actualmente não serem muito usados por estas mulheres, têm mais procura por parte das cidadinas. Aquelas ao verem estas a comprá-los exclamam entre si «sume-te», diabo! Que brincos parolos! Estes brincos eram ornamentados, para além das luas, com pássaros, estrelas, motivos florais, turquesas, corais ou meias pérolas falsas. Eram brincos preferentemente de forma oval, podendo ser redondos ou hexagonais;

- as argolas que poderiam ter várias designações, consoante o seu formato: indianas, de suspensão em gancho ou ao correr da curvatura, feitas em fio de canovão relativamente fino; de regueifa, muito parecidas à forma do pão



com o seu nome; de leque com ou sem turquesas; carniceiras ou de Barcelos feitas em canovão quadrado bastante grosso, derivando o seu nome do facto de serem adquiridas pelas mulheres dos talhantes de Barcelos, pessoas abastadas que gostavam de exhibir estas grossas argolas;

- cordões, são fios com dois metros, podendo atingir os dois metros e quarenta, para assim se conseguirem 4 voltas no pescoço. Eram feitos em malha redonda ou em forma de pêra (tendo estes o inconveniente dos elos se sobreporem «encarrapitem», demorando alguns anos a assentar convenientemente com o desgaste). Quanto aos segundos, que eram os mais usados antigamente, não tinham o inconveniente apontado, aparecem agora feitos à máquina. O cordão era o terceiro ouro da rapariga, logo a seguir às arrecadas e ao colar de contas. O primeiro cordão era comprado pelos pais, normalmente quando a rapariga atingia a idade namoradeira, pois acarretava-lhe um certo estatuto económico, tão importante para atrair os futuros pretendentes, pois exibindo dois ou três cordões facilmente se verificava tratar-se de família não «pobretona». Duma maneira geral o segundo cordão era comprado pelos pais nas vésperas do casamento que acompanhavam os noivos ao ourives para comprar as alianças, sendo o terceiro comprado pelo noivo (não era de bom tom ser de peso inferior ao oferecido pelos futuros sogros e daí a sua aflição para que estes não exagerassem e o seu dinheiro chegasse para a transação, nunca podendo dar parte de fraco). Poderiam ser ocos (mal vistos pela sociedade) - lá vai a «cagona» cheia de «chieira» com o cordão «fanfarrão» os maciços, (que se fossem muito grossos eram chamados de sogas “ou finos, apelidados de “linhas”, normalmente oferecidos às criadas de servir);

– trancelins que só se adquiriam depois de ter dois ou três cordões e só nessa altura é que a mulher trinhota se empenhava em adquirir esta peça.

Atingia, tal como o cordão dois metros, com elos trabalhados em filigrana e consoante o seu trabalho são designados de trancelins de losangos, de lampião e de rodilhão.